## Editorial

# PARQUES DE PAPEL

Minas Gerais tem 35 parques estaduais de preservação ambiental. Apenas sete deles, no entanto, saíram do papel, 100% regularizados. Isso corresponde a cerca de metade de toda a área dos parques mineiros. Os demais convivem com pendências fundiárias que, para além da mera irregularidade burocrática, deixam mais vulneráveis áreas que deveriam estar sob proteção.

Especialistas e donos de terras que passaram pelo processo de desapropriação concordam que, enquanto não se conclui a desapropriação, esses locais viram "terra de ninguém", já que os proprietários têm limitações para mexer na área, que, por sua vez, ainda não passou ao Estado. Em épocas de inverno, como agora, os riscos se multiplicam, já que aos fatores de degradação habituais, como lixo e desmatamento, soma-se ainda o perigo dos incêndios. A demora é auxiliar na degradação dessas áreas, que, além do valor das indenizações, deverão consumir ainda mais recursos para serem recuperadas.

Apesar dos problemas, a média mineira ainda é superior à nacional – que varia entre 35% e 40%, de acordo com dados do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade. Ainda assim, é preciso que os processos ganhem alguma celeridade para que as iniciativas de conservação não se resumam a desperdício de dinheiro de contribuintes, sem resultados práticos de conservação. A prática de pagar primeiro aos grandes proprietários e deixar os pequenos para depois acelera o percentual regularizado, por um lado, mas deixa acumular processos retalhados – e o resultado são áreas irregulares e semiabandonadas.

A desapropriação não é simples nem barata. Em Lapa Grande, unidade de conservação administrada pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF) no Norte de Minas, onde 88% da área de 7.000 hectares é regularizada, foram investidos R$ 17,5 milhões. E, mesmo assim, o parque ainda não pode ser aberto. A previsão do IEF é que até o fim do ano o local seja inaugurado. Mas outros 27 dos 35 parques compartilham com Lapa Grande a impossibilidade de inauguração.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL Leandro Figueiredo
GERENTE DE TECNOLOGIA Fábio A. Santos
GERENTE INDUSTRIAL Guilherme Reis
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO Walmir Prado
GERENTE DE MARKETING Alessandra Soares
GERENTE DE CIRCULAÇÃO Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA Lúcia Castro
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO Michele Borges da Costa
ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO Aline Reskalla
EDITORES
Primeira Página: Robert Wagner
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo: Carla Chein
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Carla Alves

# O.PINIÃO

## Duke

www.dukechargista.com.br

**FÁTIMA OLIVEIRA**
Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

# A roupa como manifestação simbólica de opiniões libertárias

## Uniformes igualavam os alunos, e fardas os identificavam

Da minha Escola Rural Humberto de Campos, nas brenhas do sertão, ao último ano da escola normal (magistério), em São Luís do Maranhão, usei uniforme: sapatos pretos, meias brancas, blusa branca de tricoline de mangas curtas e saia azul pregueada, que cobria os joelhos. No ginásio, além do uniforme comum, chamado de "farda", havia o de gala: a mesma saia azul pregueada, sapatos pretos e meias brancas, porém a blusa branca era de uma seda de nome "langerie", de mangas compridas, abotoaduras e luvas brancas! Pense no calor do Maranhão no desfile do Dia da Pátria em uniforme de gala e de luvas!

Chamam-se uniforme porque visa a uniformizar as pessoas e farda porque identifica quem a usa. Não se podia ir "fardada" a alguns lugares para não "manchar" o nome da escola. Muitas proibiam que após as aulas fôssemos uniformizadas ao cinema! Era um tempo em que o máximo tolerável de transgressão de adolescentes contemporâneas da "juventude transviada" era encurtar a "saiona" do uniforme para ficar com aparência de minissaia: diminuindo na bainha ou enrolando o cós. Era preciso muuuuita coragem, porque a repressão era certa.

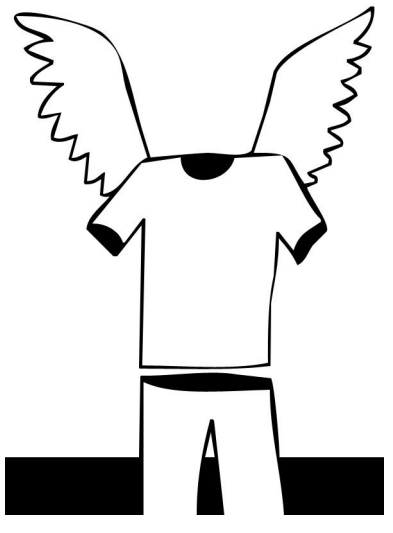
Naquela época, no ginásio e científico, magistério ou clássico, havia nas escolas femininas uma mulher e, nas masculinas ou mistas, um homem ou uma mulher que "tomava conta" de cada sala, exercendo a função de inspetoria – e o que mais faziam era mandar limpar o batom! Chamava-se bedel. Parecia ter mil olhos. Era ver uma saia curta e nos levar à secretaria, onde o sermão sobre o pudor indispensável às moças de fino trato era a coisa mais certa do mundo. Uma senhora descompostura, que poderia gerar de advertência por escrito até suspensão das aulas por alguns dias! Em alguns colégios, a reincidência na "saia curta" valia expulsão sumária!

Era infernal, pois 1968, ano em que concluí o ginásio, marca o ano da criação da minissaia, cuja reputação era bem rasteira: "Na França, foi responsabilizada pelo aumento dos estupros. Na Grécia, apenas as turistas podiam usá-las. Na África, levou a culpa pela falta de chuvas". O crédito da invenção da minissaia em geral é dado à modista britânica Mary Quant. Há quem diga que quem a inventou foi o estilista francês André Courrèges, ao que Mary Quant retrucou: "A ideia da minissaia não é minha nem de Courrèges. Foi a rua que a inventou".

> Uma antimoda confortável e estilosa refletia que o vestir, a moda em si, fala: estar na universidade era ter conquistado asas e, com elas, o mundo

Na universidade, quando ainda não frequentávamos hospitais, o uniforme era também azul e branco: camiseta branca, calça Lee e sandálias franciscanas. O campus inteiro se vestia assim. Estudantes de medicina usavam bata branca por cima da camiseta, obrigatória para aulas nos laboratórios de anatomia, histologia e fisiologia.

No campus, também vislumbrávamos uns rasgos de "peruíce", porém raros. Via de regra as estudantes de medicina primavam por um estilo básico, fazendo jus à antiga piada: "Deus perguntou: quer ser bonita ou quer ser médica?".

Usávamos uma antimoda confortável e estilosa – a calça Lee era importada e custava os olhos da cara – que refletia que o vestir, a moda em si, fala. Pois aquela roupa, que tipifico como "desleixo chic", simbolicamente emitia uma opinião: estar na universidade era ter conquistado asas e, com elas, conquistaríamos o mundo, e todos os lugares, legitimamente, nos pertenciam; e que "meninas" da geração minissaia, a mesmíssima que desfraldou as bandeiras da liberdade sexual e reprodutiva, tomando a "pílula", poderiam sonhar com a Presidência da República. E chegar lá!

DUKE